

Da página para a tela: uma breve reflexão sobre adaptações¹.

Gabriela Gruszynski Sanseverino²
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

A adaptação de histórias de um meio para outro cria a possibilidade de experiencarmos um mesmo enredo em plataformas distintas. Este artigo busca fazer uma breve reflexão sobre o processo de transposição do texto literário para a linguagem televisiva, considerando que, adaptar um texto de um meio para outro, implica em mudanças no conteúdo proporcionando uma nova experiência narrativa. A partir da revisão bibliográfica, pensamos brevemente sobre as particularidades narrativas de cada meio, neste caso dos livros e da televisão; problematizamos a ideia de fidelidade que cerca a transposição de obras de um meio para outro; e debatemos a intertextualidade que se forma entre as narrativas criadas e recriadas nestas duas plataformas.

Palavras-chave: livros; seriados; narrativa; televisão; adaptação.

Histórias são a forma de chave através do qual nós compreendemos as coisas (CULLER, 1999). Usamos os mundos criados pela ficção para entender o que está acontecendo em nossa realidade – a partir das histórias contadas para nós vemos exemplos de como lidar com os nossos problemas e com situações de nossas vidas cotidianas. Os espaços de ficção criam representações de nossa realidade cotidiana e permitem uma reflexão sobre o que está presente no nosso dia a dia. Se a literatura e o cinema se configuraram proeminentemente como uma forma para mediar sua realidade, as séries de televisão começaram nas últimas décadas a ter destaque na organização social e cultural da nossa realidade.

A ficção televisa contribui para compor o universo cultural de uma sociedade; uma forma de exprimir anseios e dúvidas, crenças e descrenças, inquietações, descobertas e imaginações (MACHADO, 2000). As séries de televisão ganham uma dimensão cultural que pode ser observada por meio da importância e legitimidade frente aos telespectadores: a seriefilia substituí a cinefilia, adquirindo alguns de seus traços – o conhecimento dos enredos, temporadas, atores e autores (JOST, 2012). Os seriados de origem norte-americana ganharam destaque na produção de ficção televisa por esta capacidade de fornecer uma

¹Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Doutoranda no Programa de Comunicação da Faculdade de Comunicações (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PUCRS). Membro do Grupo de Pesquisa do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD) da UFRGS.

compreensão simbólica de nossa realidade e por aquilo que elas dizem de nós (JOST, 2012), criando uma relação íntima com o espectador.

Ballogh (1996, p. 37) afirma que a “tradição consagrou o termo adaptação” para referir-se à “passagem do texto literário ao texto fílmico e/ou televisual”. Se as adaptações são uma parte marcante do universo cinematográfico, as emissoras têm se apropriado dos livros para criarem novos seriados e preencherem suas grades de programação, em um contexto de extrema competição e exigência constante por novidades. Histórias podem ser narradas de várias formas e, através das adaptações, cria-se a possibilidade de experienciar um mesmo enredo em diferentes plataformas. Com a mudança de meio, contudo, enquanto o enredo consegue ser preservado, recria-se a história a partir de uma nova forma de narrar.

Insiste-se, entretanto, quando as adaptações chegam às telas, em questionar sua fidelidade; em comparar plataformas e eleger um meio superior; em falar em termos de cópia e original. Precisa-se desmistificar a ideia de fidelidade: adaptação é transformação – tem-se uma nova linguagem, um novo meio e, conseqüentemente, uma nova forma de contar a história. As adaptações podem ter um texto anterior, mas são obras autônomas, com características próprias, uma vez que cada meio impõe um contexto, um formato e uma linguagem própria, que transforma a narrativa.

Um livro é um livro, uma peça é uma peça, um artigo é um artigo, um roteiro é um roteiro. Uma adaptação é sempre um roteiro original. São formas diferentes. Simplesmente como maçãs e laranjas. (FIELD, 1995, p.185).

Considerando, portanto, que a adaptação de um texto de um meio para outro implica em mudanças no conteúdo e, de fato, recria a história, proporcionando uma nova experiência narrativa, este artigo busca fazer uma breve reflexão sobre o processo de transposição do texto literário³ para a linguagem televisiva. A partir da revisão bibliográfica, dialogando com autores que já exploraram o processo de adaptação, pensaremos sobre as particularidades narrativas dos livros e da televisão; problematizaremos a ideia de fidelidade que cerca a transposição de obras de um meio para outro; e debateremos a intertextualidade que se forma entre as narrativas criadas nos livros e recriadas na televisão.

³Vale notar que não apenas texto literários dão origem a adaptações na televisão – quadrinhos, peças de teatro, filmes, etc. se tornaram a base para diversas produções. Neste trabalho, contudo, pensaremos em termos gerais nas adaptações televisivas que tem sua origem nos livros.

Sobre adaptações

Para Hutcheon (2013, p. 10), “[...] a adaptação é (e sempre foi) central para a imaginação humana em todas as culturas. Nós não apenas contamos, como também recontamos nossas histórias”. Adaptações estão em toda parte. No mundo contemporâneo, livros, filmes, programas de televisão e teatro utilizam este recurso como forma de garantir a rentabilidade através da exploração de uma obra familiar e para acompanhar a demanda do público por novos produtos (THOMPSON, 2003). Chamar algo de adaptação significa destacar o processo consciente e complexo de implementar as mudanças necessárias para representar o texto de origem em novas condições, em um novo meio (CARDWELL, 2002).

Toda adaptação, como explica Cardwell (2002), é uma resposta autoral e consciente para a interpretação de um texto de origem, que pode ou não estar preocupada com fidelidade, mas que é necessariamente preocupada com a criação de um produto independente. Ao se adaptar um livro para uma série de televisão, já temos uma fonte de material que fornece os personagens e sua história.

A trama pode sempre ser preservada na passagem de uma linguagem para outra ou de um meio para outro (CULLER, 1999), mas o novo meio irá impor suas próprias características. As adaptações podem ser altamente literais ou profundamente transformadoras, como explica Jenkins (2011) e sempre irão representar a interpretação de uma obra, e não uma simples reprodução e, por isso, todas as adaptações são capazes de acrescentar novos significados a uma história.

As adaptações realizadas são apenas uma, entre tantas possibilidades. Isto provoca, inevitavelmente, diferentes concepções sobre como elas deveriam ser, como poderiam ter sido os resultados dessa transformação de linguagem. A discussão em torno dos méritos das adaptações é inevitável

Por que queremos fidelidade?

A indústria do entretenimento, de acordo com Bolter e Grusin (1998), tem uma tradição de reaproveitar o material criado em um meio e reutilizá-lo em outro. Com esta apropriação do conteúdo de um meio para outro, tem uma necessária redefinição. A mudança de mídia sinaliza que existem novas experiências e novas coisas para se aprender.

Adaptações não significam fidelidade e lealdade ao original: eles não consistem em reproduzir um texto original na íntegra, mas em basear um novo texto nele. O texto

adaptado para outro suporte estabelece um diálogo com o seu próprio tempo e tem um dever com o seu próprio meio, o que torna a fidelidade impossível. Cada meio tem suas próprias limitações e possibilidades expressivas, então as narrativas podem mudar significativamente à medida que são apropriados por um meio diferente.

Salvo as obrigações assumidas em contratos, não existe nenhuma regra que diga que você não pode usar a sua imaginação ao trabalhar o material original. Na verdade, a adaptação é um novo original, onde o adaptador busca o equilíbrio entre preservar o espírito do original e criar uma nova fórmula (SEGER, 2007, p.26).

Querer fidelidade ignora a dinâmica do campo de produção em que os meios estão inseridos – a linguagem de cada meio deve ser respeitada e, conseqüentemente, apreciada de acordo com os valores de seu contexto de produção e não em relação aos valores do outro campo (JOHNSON, 2003). Pelo que representa, a adaptação é intrinsecamente comparativa, pois cria uma relação, mesmo que implícita, entre dois textos. Esta comparação, que geralmente se coloca entre narrativas contadas em diferentes plataformas, explica porque as reações são tão diferentes a adaptações: Por que os maiores sucessos e os piores fracassos são tão frequentemente adaptações? Por que algumas funcionam e outras não?

(a) algumas adaptações de fato não conseguem captar o que mais apreciamos nos romances-fonte; (b) algumas adaptações são realmente melhores do que outras; (c) algumas adaptações perdem pelo menos algumas das características manifestas em suas fontes. Mas a mediocridade de algumas adaptações e a parcial persuasão da “fidelidade” não deveriam levar-nos a endossar a fidelidade como um princípio metodológico (STAM, 2008, p. 20).

As adaptações podem ser uma decepção para os fãs; podem ser ruins porque não conseguiram transpor o enredo de uma linguagem para o outro. Podem ser também, contudo, uma forma de homenagear a obra original, de trazer leitores para o livro após se encantarem pelo seriado; podem ser inclusive uma narrativa que ultrapassa o sucesso e o mérito da obra original.

Formas particulares de narrar

As narrativas de ficção são uma parte intrínseca do ambiente cultural e são vários os meios para contarmos e recontarmos histórias, como a literatura e a televisão. Em cada um desses meios, encontramos formas específicas de narrar. A diferença entre os meios parte de seus princípios básicos – um trata da linguagem escrita, enquanto o outro da linguagem visual. Cada um dispõe de recursos únicos e tem falhas próprias. A televisão tem

dificuldade em fazer determinadas coisas que a literatura faz, enquanto o inverso também é verdadeiro.

Uma adaptação de um texto literário para um programa televisivo é, em primeira instância, um processo de mudança de suporte físico. Trata-se de uma passagem de sinais e símbolos gráficos assentados em papel para um conglomerado de imagens e sons, captados e transmitidos eletronicamente (REIMÃO, 1999, p.11)

Nos livros, o leitor pode imaginar a história e seus personagens da maneira que desejar a partir das descrições e características apontadas pelo narrador da história. Na televisão, meio audiovisual, é raramente possibilitada ao espectador esta margem de criação. Os livros ainda podem contar com ilustrações, mas os recursos visuais das telas são incomparáveis, e incluem geralmente também efeitos sonoros.

Ao lermos um livro, temos a impressão de uma sequência de fatos, organizados em um enredo, e de personagens que irão vivenciá-los. Enredo e personagens têm uma ligação indissolúvel: “O enredo existe através das personagens, as personagens vivem o enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam” (CANDIDO, 1968, p. 51). Por meio da combinação, repetição e evocação desses elementos essenciais da história nos mais variados contextos, é possível formar uma ideia completa, suficiente e convincente da criação fictícia do autor.

A adaptação literária para a televisão recria a história em um novo universo de significação, dando origem a um novo produto. Programas de televisão que tem, em teoria, a possibilidade de uma duração infinita, tem o tempo e os recursos para explorar todos os detalhes usados nos livros ao construir mundos e personagens. O contexto de criação de seriados, entretanto, muda inevitavelmente como a narrativa é pensada:

o facto de se ter de criar um formato mais longo para uma ficção televisiva faz com que o produto se afaste de forma mais radical das letras que lhe deram origem e que seja sujeito a técnicas de construção específicas para motivar o espectador a ver o próximo episódio. Assim, não devemos ignorar que um dos traços diferenciadores da adaptação televisiva, em contraste com o cinema, é justamente ter de se criar num formato que tenha em conta a continuidade em episódios e a própria fragmentação de cada um dos episódios. (SOBRAL, 2008, p. 7).

A forma de contar para a tela exige uma nova linguagem e um novo ritmo. O processo de adaptação significa exatamente repensar a história a partir das especificidades que a televisão exige. As séries de televisão se baseiam em uma estética de repetição: continuação das aventuras, ações e dramas dos personagens e dos recursos utilizados que conseguem proporcionar ao público uma vasta combinação de variáveis temáticas e narrativas. Os seriados dependem da memória do público para se sustentarem, que precisa

conseguir acompanhar e entender a história, juntando as informações que lhes são dadas em cada episódio.

Na televisão, como explica Carlos (2006), é possível acumular um grande volume de informações e desenvolvê-las de uma ordem dramática natural. Criam-se, então, narrativas em dois níveis, com a trama principal completa para cada episódio e várias tramas secundárias que serão desenvolvidas ao longo de uma temporada ou mesmo de toda a série. Dessa forma se satisfaz a tensão de cada episódio e se mantém o interesse do espectador pela perspectiva de continuidade da história. Os seriados ganham uma complexidade cada vez maior, construídos por uma tapeçaria de histórias e de personagens. Os detalhes ganham importância devagar e dentro de padrão repetidos de ação, podendo ser percebidos e compreendidos pelos espectadores.

Intertextualidades (In)visíveis

A intertextualidade faz parte do universo das adaptações. A influência de um texto sobre outro, adaptado e adaptação, é inevitável, sendo o enredo preservado com o esforço de fidelidade ou tomado apenas como inspiração. Centenas de seriados baseados em livros já foram ao ar na televisão, dentre os quais vários foram exibidos no *prime time* e vários se tornaram sucesso de audiência. Enquanto alguns foram proeminentes divulgados como adaptações de livros, outros nunca tiveram sua origem na literatura popularizada.

As adaptações que ganham destaque na mídia, reproduzindo livros clássicos ou *best sellers*, dificilmente conseguem se divorciar da obra literária: “adaptação vai ser inevitavelmente um tipo de intertextualidade se o receptor estiver familiarizado como o texto adaptado (...): comparamos a obra que já conhecemos, como a que estamos experienciando” (HUTCHEON, 2011, p. 45). O processo de transpor a obra para a televisão, contudo, é ocasionalmente silencioso e imperceptível para a audiência, quando as emissoras botam no ar seriados baseados em livros que atingiram um público limitado.

Se não conhecemos o texto na qual a série foi baseada, não vamos apreciá-la como uma adaptação. O livro original está intrinsecamente ligado a história que vai as telas, mas se o espectador não conhecer a obra de origem, para ele não haverá comparações a serem feitas. A conversa entre produtos sempre existe – mas esta pode facilmente passar despercebida pelo público, quando o livro adaptado nunca foi popular: uma intertextualidade invisível.

Há casos nos quais os livros se tornam buscados depois do lançamento da série, alguns que inclusive são empacotados como o texto que originou o programa de televisão –

adaptações impulsionam vendas dos livros e são utilizadas pelas editoras como um gatilho para o interesse do leitor (THOMPSON, 2012). Tem-se também os livros populares que dão origem a seriados de televisão que são já criados em meio a expectativa do público de como será feita a adaptação.

Sempre haverá os fãs que leram o livro antes de sequer pensarem em uma série e que terão isto como motivo de orgulho, uma medalha de honra que lhes diferencia dos outros espectadores que nunca buscaram o livro ou só procuraram depois de verem o seriado primeiro. Quanto mais popular e amada for a obra adaptada, mais certo será o descontentamento do público comum para com a adaptação, especialmente tratando-se de fãs.

Por que não TV?

Quando as histórias admiradas na literatura chegam as telas, acabam gerando um debate por parte do público que não escapada das comparações: o que é melhor? E no embate entre literatura e audiovisual, raras são às vezes que a escrita não é considerada a arte superior... afinal, como o filme ou seriado poderiam ser fieis as palavras do autor? A crítica da inferioridade dos produtos criados para as telas parte de uma concepção que a adaptação é inferior a obra original.

Para Stam (2008), a um senso intuitivo de inferioridade das telas frente a literatura, que é perpassado fortemente para as adaptações, que propõe um diálogo entre os diferentes meios.

Resumi esses preconceitos nos seguintes termos: 1) antiguidade (o pressuposto de que as artes antigas são necessariamente artes melhores); 2) pensamento dicotômico (o pressuposto de que o ganho do cinema constitui perdas para a literatura); 3) iconofobia (o preconceito culturalmente enraizado contra as artes visuais, cujas origens remontam não só às proibições judaicoislâmico-protestantes dos ícones, mas também à depreciação platônica e neo-platônica do mundo da aparências dos fenômenos); 4) logofilia, (a valorização oposta, típica de culturas enraizadas na “religião do livro”, a qual Bakhtin chama de “palavra sagrada” dos textos escritos); 5) anti-corporalidade, um desgosto pela “incorporação” imprópria do texto filmico, com seus personagens de carne e osso, interpretados e encarnados, e seus lugares reais e objetos de cenografia palpáveis; sua carnalidade e choques viscerais ao sistema nervoso; 6) a carga de parasitismo (adaptações vistas como duplamente “menos”: menos do que o romance porque uma cópia, e menos do que um filme por não ser um filme “puro”). (STAM, 2008, p. 21).

Quando se trata de adaptações, é comum ouvirmos que o literário é melhor que o audiovisual – livros superam filmes e seriados de televisão, história escrita é superior, é mais complexa e mais completa. Estas comparações raramente consideram as diferenças

entre os suportes comparados e são comumente imbuídas do preconceito com os meios dirigidos as massas.

No Brasil, por exemplo, em 2014⁴, 97,2% das residências no Brasil possuía pelo menos uma televisão. Neste mesmo ano, 70%⁵ dos brasileiros não leu nenhum livro. O alcance da televisão é infinitamente maior no país e as adaptações trazidas para a televisão são uma forma de incentivar a leitura e trazer para o grande público um conteúdo que se limitava a uma pequena parcela de leitores.

Textos literários e programas de televisão são ambos produções culturais. De fato, cada meio tem uma forma própria de fruição, apreensão e decodificação, atingindo público diferentes. Os dois, entretanto, são duas formas de vivenciar a ficção, um não menos importante que o outro. A televisão tem buscado se legitimar como meio narrativo; mas as adaptações continuam a sofrer acusações de traição ao texto original, frente ao desnível qualitativo entre as linguagens verbal e visual.

É absurdo indignar-se com as degradações sofridas pelas obras-primas literárias na tela, pelo menos em nome da literatura. Pois, por mais aproximativas que sejam as adaptações, elas não podem causar danos ao original junto à minoria que o conhece e aprecia (BAZIN, 1991, p. 93).

Para Bazin (1991), as adaptações são homenagens e não traições as obras originais. As reclamações que partem dos críticos e do público são válidas quando julgam as obras pelos méritos de sua linguagem e não quando definem as adaptações pela capacidade que estas obras têm de reproduzirem os textos originais com absoluta lealdade. As formas particulares de narrar de cada meio têm suas vantagens e desvantagens, suas próprias formas de se aproximar ao público e criar uma história cativante.

Considerações finais

A TV se constituiu como uma fonte atuante de informação, entretenimento e educação para grande parte da população (DUARTE, 2012) e se tornou uma parte intrínseca do cotidiano. Nas últimas décadas, as grandes redes de televisão têm perdido o seu público para as centenas de canais a cabo que começaram a se concentrar nos nichos de mercado, além da competição com outras telas digitais que atraem cada vez mais o público jovem. Os índices de audiência dos principais programas de televisão estão caindo há

⁴Fonte: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/09/pela-1-vez-acesso-internet-chega-50-das-casas-no-brasil-diz-pesquisa.html> Acesso em: 31/05/2016.

⁵Fonte: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/04/por-que-os-brasileiros-leem- tao-pouco-4735112.html> Acesso em: 12/07/2016.

décadas. Os números que indicavam a sobrevivência de um seriado, começam a ser repensados inclusive para os horários de *prime time*⁶.

A variedade de programas atualmente, faz com que a demanda das emissoras por novos sucessos cresça e a busca por novos livros a serem adaptados torna-se uma prática comum. Com a necessidade inovar sua programação e fazer isto de forma veloz, sempre agradando a seu público, a televisão não hesitou em buscar nos livros um recurso para preencher suas grades de programação. O gesto de adaptar é parte intrínseca do ambiente cultural e de entretenimento e a adaptação de livros para telas, primeiro o cinema e agora a TV, se tornou símbolo da transposição de enredos de um meio para outro.

As adaptações são processos complexos, pois exigem a transformação de linguagens, já que enquanto se valem de um texto fonte, não são reféns do original. Não há um dever absoluto com texto original, mas também uma responsabilidade com o meio e o contexto da nova plataforma – adaptação não é repetição no sentido de réplica, é ajustes, alterações e possibilidades diversas de produção.

É difícil, contudo, dispensar a discussão de fidelidade quando as adaptações chegam anunciadas as telas de TV. O saber que se tratam linguagens diferentes fica esquecido e as produções são questionadas considerando como estas afetam a obra. É uma obra nova, mas que fica conectada ao texto original, do qual muitas vezes não consegue se desprender narrativamente – livros são comparados com programas de televisão com uma naturalidade, como se fossem a mesma linguagem, mesmo quando dispõe de recursos diferentes.

O público tem a lealdade a obra original como principal parâmetro para pensar as adaptações. Vale notar que isso não significa a rejeição da adaptação – a aquelas de sucesso de crítica e audiência, as que inclusive superaram a obra original, mas estas são geralmente as obras que conseguem se divorciar do texto primário ou pelo menos criar uma relação amigável, na qual a diferença entre os meios é incentivada e demarcada por autores e produtores. Há obras produzidas e reproduzidas para serem criações autônomas, mas cuja intertextualidade às vezes sufoca sua capacidade de narrar uma história nova frente ao público.

É um esforço para tornar a fidelidade ao original deixar de ser o critério maior de juízo crítico na apreciação de uma adaptação. A televisão, contudo, com a variedade de programação, está levando cada vez mais livros para as telas, de *best sellers* a obras de

⁶*Prime time* ou horário nobre é o bloco de programação televisiva durante o meio da noite – horário que tende a ter maior audiência. O período de tempo tende a ser fixo - por exemplo nos Estados Unidos, das 19:00-22:00 (Central and Mountain Time) ou das 20:00-23:00 (Oriental e do Pacífico Tempo).

nicho, permitindo, quem sabe, que ao longo do tempo se crie uma nova relação com as adaptações, a partir da qual o público possa ter as recriações de histórias nas telas sempre como uma nova experiência, julgada pelo seu próprio mérito e dentro de seu próprio meio.

REFERÊNCIAS

BALOGH, Ana Maria. **Conjunções – disjunções – transmutações da literatura ao cinema e à TV**. São Paulo: Annablume, ECA-USP, 1996.

BAZIN, Andre. **O Cinema: Ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BOLTER, J.D.; GRUSIN, R. **Remediation: understanding new media**. Massachussets: The MIT Press, 1998.

CANDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CARDWELL, Sarah. **Adaptation revisited**. Television and the classic novel. UK: Manchester University Press, 2002.

CARLOS, C. S. **Em tempo real: Lost, 24 horas, Sex and the City e o impacto das novas séries de TV**. São Paulo: Alameda, 2006.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DUARTE, E.B. Preâmbulo: algumas considerações sobre a ficção televisual brasileira. In: JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Sulina, 2012.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro:Objetiva, 1995.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

JENKINS, Henry. Transmedia 202: Further Reflections. **Confessions of an aca-fan**. [S.I.], 1 aug. 2011b. Disponível em: <http://henryjenkins.org/2011/08/defining_transmedia_further_re.html>. Acesso em: 22 mar. 2015.

JOHNSON, Randal. Literatura e cinema, diálogo e recriação: o caso de Vidas Secas. In: PELLEGRINI, Tânia et all. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

JOST, F. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Sulina, 2012.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

REIMÃO, Sandra. **Leitores e telespectadores – algumas observações gerais sobre adaptações da literatura pra a televisão**. Leitura: Teoria e Prática, da Unicamp, julho de 1999.

SEGER, Linda. **A Arte da Adaptação: como transformar fatos e ficção em filme**. São Paulo: Bossa Nova, 2007.

SOBRAL, Filomena Antunes. As letras no pequeno ecrã: adaptação literária para a televisão. In: I Colóquio Bi-Nacional de Ciências da Comunicação. **Anais...** Natal, RN, 2008.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

THOMPSON, Kristin. **Storytelling in film and television**. USA: Harvard University Press, 2003.

XAVIER, Ismail (Org.). **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.